

# Comunicador e comunicólogo

Communicator and communicologist

## Laan Mendes de Barros

Doutor em Ciências da Comunicação – ECA / USP  
Professor e pesquisador da Faculdade Cásper Líbero  
Coordenador Geral de Pesquisa na mesma Instituição  
Editor da revista *Communicare*  
laan@facasper.com.br



### Resumo

*As relações entre teoria e prática, pesquisa e ensino são discutidas no presente texto. A denominação de um campo de conhecimento pelo nome que se dá ao seu próprio objeto de estudo – comunicação – remete ao sentido de que a disciplina se restringe à rearticulação do saber e do fazer, indicando a formatação de um comunicador que seja também comunicólogo.*

**Palavras-chave:** epistemologia da comunicação, ensino e pesquisa, teoria e prática, práxis.

### Abstract

*The relations between theory and practice, research and tuition are discussed in this text. The denomination of a field of knowledge by the name given to its own object of study – communication – harks back to the meaning that the subject is restricted to the rearticulation of knowing and doing, indicating the format of a communicator who is also a communicologist.*

**Key words:** epistemology of communication, tuition and research, theory and practice.

### Resumen

*Las relaciones entre teoría y práctica, investigación y enseñanza se discuten en este texto. La denominación de un campo de conocimiento por el nombre que se da a su propio objeto de estudio – comunicación – remite al sentido de que la disciplina se restringe a la rearticulación del saber y del hacer, lo que indica la formación de un comunicador que sea, también, comunicólogo.*

**Palabras clave:** epistemología de la comunicación, enseñanza e investigación, teoría y práctica.

**C**omunicador ou comunicólogo? É possível compatibilizar essas duas dimensões do sujeito que se volta aos fenômenos da Comunicação Social? Trata-se de uma questão epistemológica, que pode ser levada ao campo da confrontação entre teoria e prática, das relações entre sujeito e objeto de estudo/atuação, da interdependência ou incompatibilidade entre o saber e o fazer. Pensemos um pouco sobre tais relações, trazendo-as para o nosso tempo/espço contemporâneo.

Neste início de um novo século, marcado pela aceleração da evolução tecnológica, que altera as escalas já conhecidas de tempo histórico e espaço social, quais os desafios que se apresentam para aquele

que se põe a fazer e a pensar comunicação? No contexto brasileiro, em particular, como é que se vêm formando os comunicadores? E os comunicólogos? Quais as perspectivas para articulações entre a teoria e a prática entre nossa área de conhecimento?

A denominação de nosso campo de estudo pelo termo "comunicação" – usado também para denominar os próprios meios que dão suporte

a ela e as atividades técnicas de produção e emissão de mensagens – remete ao sentido de que a disciplina se restringe a conhecimentos práticos. Sugere um conjunto de atividades e técnicas, fazeres, determinados na maioria das vezes pelo mercado. Observa-se, portanto, um movimento sógnico que reduz o sentido do que é representado pelo termo, apontando uma visão simplista e fragmentada do complexo fazer/pensar comunicação. Talvez a disciplina deveria se chamar "comunicologia".

A questão se agrava quando o sentido que se dá ao termo "comunicação" fica limitado ao universo da emissão das mensagens, fortalecendo o sentido instrumen-

tal do conhecimento por ele denominado. Quando o termo é tratado em sua dimensão prática, na maioria das vezes a conotação que se dá à "comunicação" está limitada ao processo de desenvolvimento e distribuição de bens simbólicos, priorizando a emissão em detrimento à recepção. Ou seja, o termo "comunicação" fica limitado ao campo da *poiesis*, da produção de sentidos no pólo da emissão, relegando o campo da *aisthesis*, da recepção das mensagens – e recriação dos sentidos – a um lugar marginal no processo comunicacional.

O próprio termo "comunicador" fica limitado ao agente do processo, ao sujeito da ação<sup>1</sup>, caracterizado freqüentemente como o profissional que atua na área. Não se aplica igualmente ao receptor, que é visto como público alvo – objeto – da ação que se desenvolve. O "comunicador" é aquele que realiza intencionalmente – e competentemente – o ato comunicativo. Daí sua capacitação técnica, possibilitando uma prática qualificada, eficiente, profissional. Importa saber *como* se faz, mesmo que isso gere um ativismo alienado, no qual pouco se indague sobre *o que* se está fazendo.

Convém, pois, incorporar à comunicação o sentido de *práxis*, superando a dicotomia entre prática e teoria, entre fazer e pensar, ampliando assim o caráter meramente técnico de seus agentes. Aliás, mais do que agente da comunicação, o comunicador deve se ver como sujeito (que interage com outros sujeitos, por certo) que pensa o que faz, que atua de forma crítica e autocrítica em relação aos fenômenos dos quais faz parte. Mais adiante retomaremos esta questão.

<sup>1</sup> É neste sentido que Harold Lasswell responde à primeira questão – "quem diz?" – proposta em seu conhecido modelo, de 1948, que recorta o processo comunicacional em cinco elementos. Ele se refere ao "comunicador" como aquele que inicia e guia o processo; denominando a pesquisa que se faz a seu respeito como "análise de controle". As demais perguntas são: "diz o quê?", "em que canal?", "para quem?" e "com que efeito?".



Quando saber e fazer se articulam, quando a prática incorpora a reflexão crítica do que se está fazendo, o que se tem é o exercício da *práxis*. O termo *práxis*, no grego, não indica a mera dimensão pragmática da produção, própria do termo *poiesis*, mais ligado ao fazer técnico; extrapola a noção de prática, presente no termo *praktiké*. *Práxis*, termo também presente no latim, implica em um processo de pensamento-ação, de ação consciente, que incorpora valores e implica em inserção no espaço social e tempo histórico. Pensar em *práxis* implica, portanto em um fazer consequente, com sentido, significado. É o *logos* – palavra, pensamento – presente de maneira consciente e crítica na *polis* – espaço-tempo da cidadania.

É na perspectiva marxista, que dá ao termo *práxis* o sentido de ação refletida de seres humanos concretos, históricos, que projetamos aqui a necessidade de superação da dicotomia entre o fazer e o pensar no campo da comunicação social<sup>2</sup>. Há de se reconhecer, no entanto, que tal operação se configura em um desafio difícil, uma vez que a tradição cartesiana – tão arraigada em nossa cultura ocidental – indica uma separação entre o intelecto especulativo e o intelecto prático, propondo a subordinação deste àquele, consolidada na exaltação do método dedutivo. Assim, René Descartes estabelece a máxima “*cogito ergo sum*”, que foi seguida por tantos outros pensadores e que aprofundou a separação entre teoria e prática.

Por certo, não se trata da desqualificação da prática em benefício da teoria. Uma teoria que se desliga da realidade perde suas origens e seu destino; não se justifica e não tem objetivos a alcançar. O que se projeta aqui é uma relação dialética entre reflexão e fato, em uma combinação dinâmica entre os movimentos dedutivo – da teoria à prática – e indutivo – da prática à teoria.

É necessário assumir o campo da Comunicação Social no contexto das ciências sociais aplicadas, encarando a sobreposição entre sujeito e objeto de estudo

nele existente. É possível tirar proveito dessa sobreposição, fortalecendo a formação do comunicador, como alguém que faz e pensa o que faz, que pensa e faz o que pensa. Um comunicador comunicólogo. Alguém capaz de vivenciar a *práxis* da comunicação.

## O saber utilitário na formação do comunicador

Ao longo dos anos, em decorrência das profundas transformações – tecnológicas, culturais e econômicas – experimentadas pelos meios de comunicação, o perfil do comunicador também sofreu mudanças, com novas competências e habilidades. No entanto, no que se refere à articulação entre domínios teóricos e técnicos, pouca coisa mudou desde a implantação dos primeiros cursos de comunicação social no País. O objetivo maior de produzir profissionais para o mercado, segundo as exigências técnicas por ele determinadas, parece se perpetuar nas propostas pedagógicas da maioria das instituições de ensino superior. Especialmente nas escolas privadas.

Como nos lembra Venício de Araújo Lima, em *Mídia: Teoria e Política*, a criação e o desenvolvimento dos estudos de comunicação no Brasil sofreram grande influência do modelo norte-americano. Segundo ele:

Para compreender as circunstâncias particulares em que se dá a institucionalização do ensino e da pesquisa em comunicações no Brasil, não podemos ignorar o fato central de que nosso processo foi, em muitos casos, quase um reflexo do que já havia ocorrido ou estava ocorrendo nos Estados Unidos, de vez que optamos por organizar tanto nossas instituições como as profissões e o próprio ensino de comunicações nos moldes americanos.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Em *O Capital*, Marx argumenta que a *práxis* se converte em critério de verdade, tomando-se como ponto de partida os fatos empíricos, em busca de um concreto pensado.

<sup>3</sup> Venício de Araújo Lima. *Mídia: Teoria e Política*, p. 23.

Tal gênese acaba criando um vínculo de dependência do ensino em relação ao mercado. O fato é que as demandas do mercado acabam moldando as instituições de ensino e o saber ganha um caráter fortemente instrumental, enaltecendo o domínio de técnicas e relegando as disciplinas de cunho mais acadêmico a um plano marginal. Destarte são reproduzidas as regras do mercado que instrumentaliza a própria cultura, que passa a ser concebida como bem de consumo, ou mesmo um produto descartável. A subordinação do *fazer* comunicativo às regras do mercado, predominante nas empresas da mídia, parece se reproduzir no desenvolvimento do *saber* comunicativo, oferecido pelas escolas, que proliferam seus cursos Brasil a fora.

*Um comunicador que  
sabe fazer e  
pensa o que faz*

A ênfase no pragmatismo presente na formação de novas gerações de comunicadores, preparados para a prática do mercado, se reflete nas opções teóricas utilizadas para a construção de um repertório conceitual mínimo. O velho modelo funcionalista – que concebe a comunicação como instrumento de manutenção do sistema e dá grande importância aos efeitos da mídia na sociedade, em

uma visão behaviorista – se reproduz na maneira de se conceber a comunicação como estratégia de persuasão. Venício Lima fala do caráter comercial do fazer e pensar comunicação no Brasil:

Ao modelo comercial das empresas de comunicações correspondem, naturalmente, modelos dominantes de formação profissional, de ensino e – de forma explícita ou não – de uma teoria das comunicações, especificamente aquela que busca responder instrumentalmente à questão dos efeitos das mensagens da mídia.<sup>4</sup>

Na busca de um “passaporte” para o mercado de trabalho é que a maioria dos

estudantes de comunicação ingressam na universidade. Tal perspectiva acaba orientando toda o processo de formação nos cursos de graduação. Por certo, é legítimo o desejo do jovem – e mesmo de sua família – de credenciar-se para a vida profissional. Desde o processo seletivo para o ingresso à universidade a ênfase que se dá é à habilitação do curso oferecido – jornalismo, publicidade e propaganda, relações públicas etc. – traduzida em uma espécie de “passaporte” para o mercado de trabalho. Tal perspectiva de formação prática se reforça no freqüente divórcio – muitas vezes conflituoso – entre disciplinas de fundamentação teórica e de formação técnica nos cursos de graduação da área de Comunicação Social.

A superação desse quadro desfavorável à formação de um comunicador que sabe fazer e pensa o que faz envolve questões estruturais e institucionais das instituições educacionais que oferecem cursos de Comunicação Social. Aliás, o próprio fato de elas serem chamadas de “instituições de ensino” já reflete a pouca ênfase que se dá à pesquisa e à extensão, que completam com o ensino o tripé da educação superior. Somente com a valorização da pesquisa – que alimenta a prática do ensino e se reflete em aplicações de extensão, de interação com a sociedade – é possível reverter o trauma da separação entre teoria e prática. O investimento em iniciação científica e a implementação de políticas que levem o professor a se dedicar à busca de novos conhecimentos, em um processo contínuo de atualização, são medidas vitais para o aprimoramento da formação de comunicadores críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Também, a fomentação de diálogos interdisciplinares nas práticas de ensino permitirá a saudável relação entre as disciplinas teóricas e técnicas, em dinâmicas dedutivas e indutivas.

<sup>4</sup> Venício de Araújo Lima, *Mídia: Teoria e Política*, p. 23.

É, pois, no campo da pesquisa que se pode encontrar saídas para o indesejável divórcio entre teoria e prática. Especialmente quando se assume a natureza aplicada do campo da comunicação social, articulando o fazer investigativo com tempo histórico e lugar social nos quais está inserido o pesquisador, é possível se falar em *práxis*, tomando a construção do conhecimento como processo de transformação da realidade. A esse respeito Eduardo Sucupira Filho afirma, em *Leituras Dialéticas*, que “em termos filosóficos, ‘transformar o mundo’ é conhecê-lo pela ação – a *práxis* – pois só ela conduz às condições de um pensamento claro e consciente de seus fins”<sup>5</sup>.

### Comunicador – comunicólogo: sujeito e objeto da pesquisa

Buscando concluir esta reflexão – que traz consigo nossa vivência nos campos da docência e da pesquisa e da produção e veiculação de mensagens, no campo do jornalismo e da comunicação organizacional – recorreremos à obra *Palavras e Sinais*, último livro concluído por Theodor Adorno em 1969, ano de sua morte. Tomamos especialmente o bloco denominado “epilegômenos dialéticos”<sup>6</sup>, composto de dois capítulos: “sobre sujeito e objeto” e “notas marginais sobre teoria e prática”.

Como já argumentamos em textos publicados anteriormente na revista *Communicare*, o comunicador é tratado como objeto de investigação de maneira freqüente. São várias as pesquisas que voltam o seu olhar para a fonte emissora, para o processo de produção e distribuição das mensagens, focando ora o profissional, ora a organização na qual ele atua. O fazer do comunicador é visto de fora. O sujeito da pesquisa – que poderíamos chamar de comunicólogo – realiza seu trabalho desde outros campos do conhecimento. E pode fazê-lo de maneira crítica, pois mantém distanciamento em relação ao seu objeto de

estudo. No entanto, por vezes o olhar é tão externo e objetivo que não consegue dar conta dos problemas internos e subjetivos da comunicação. O olhar interno, realizado por aqueles que são os agentes do processo, pode resultar na proposição de problemas de pesquisa mais pertinentes ao campo e na estruturação de categorias de análise mais aderentes à realidade de quem convive com as dinâmicas das redações, agências, produtoras e organizações de comunicação.

Ocorre, no entanto, que muitos insistem na separação entre sujeito e objeto de estudo. Apóiam-se, para tanto, em razões epistemológicas que cobram objetividade no fazer investigativo e isenção por parte do pesquisador. O método dialético se configura em alternativa a essa tendência. Assim como a confrontação entre a teoria e a prática pode ser realizada com a valorização das duas dimensões da relação do ser humano com a realidade, é preciso reconhecer a interdependência entre sujeito e objeto no campo das ciências humanas. Sobre a separação entre sujeito e objeto, Adorno argumenta:

É verdade que não se pode prescindir de pensá-los como separados; mas o *psêvdos* (a falsidade) da separação manifesta-se em que ambos encontram-se mediados reciprocamente: o objeto, mediante o sujeito, e, mais ainda e de outro modo, o sujeito, mediante o objeto (...). Uma vez radicalmente separado do objeto, o sujeito já reduz este a si; o sujeito devora o objeto ao esquecer o quanto ele mesmo é objeto.<sup>7</sup>

Quando o sujeito de pesquisa se reconhece como parte do objeto pesquisado,

<sup>5</sup> Eduardo Sucupira Filho. *Leituras Dialéticas: uma interpretação materialista do pensamento filosófico*, p. 34.

<sup>6</sup> Conforme registra o próprio autor, no prefácio à edição alemã de *Palavras e Sinais*, “os *epilegômenos dialéticos*, diretamente relacionados à *Negative Dialektik*, estavam destinados a um curso de verão em 1969, que foi perturbado e teve que ser interrompido. O que foi dito sobre teoria e *práxis* pretende reunir a especulação filosófica e a experiência em seu sentido pleno”.

<sup>7</sup> Theodor Adorno. *Palavras e sinais*, p. 183.

ele traz veracidade e consistência à sua reflexão. Não cabe, portanto, ignorar a sua presença, fazer de conta que seu olhar é externo ao objeto, mesmo que recorrendo a recursos de ciências naturais ou exatas, à estatística ou à comprovação laboratorial. No campo das ciências humanas, é preciso que o sujeito de pesquisa reconheça as relações de mediação existentes entre ele e seu objeto de estudo, que inclua sua presença como um dos aspectos a serem analisados. Quando assim o faz, ele compatibiliza reflexão e vivência, teoria e prática. Mais do que objeto de pesquisa, o comunicador precisa assumir o papel de sujeito da pesquisa em comunicação.

Trata-se, portanto, da superação da visão racionalista do saber. O pensamento deve refletir e se refletir na vivência. Daí, é preciso reconhecer a relação essencial existente entre sujeito e objeto do fazer-pensar,

presente no contexto da *práxis*. Vejamos, novamente, o que nos diz Adorno:

Dever-se-ia formar uma consciência de teoria e *práxis* que não separasse ambas de modo que a teoria fosse impotente e a *práxis* arbitrária, nem destruísse a teoria mediante o primado da razão prática, próprio dos primeiros tempos da burguesia e proclamado por Kant e Fichte. Pensar é um agir, teoria é uma forma de *práxis*.<sup>8</sup>

A *práxis* não pode ser vazia de conceito. Quando isso ocorre, o que se tem é um ativismo acrítico. Pensemos, pois, na articulação entre fazer e pensar. Também, ajamos na implementação de políticas e programas que permitam a formação de um comunicador que seja também: comunicólogo.

<sup>8</sup> *Idem, ibidem, p. 204.*

## Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor. *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BARROS, Laan Mendes de. "O objetivo de se fazer pesquisa e o objeto da pesquisa que se faz" in *Revista Comunicare – Ano 1 nº 1*. São Paulo: Cásper Líbero, 2001.
- \_\_\_\_\_. "Comunicador: o sujeito da pesquisa" in *Revista Comunicare – Vol 3 nº 2*. São Paulo: Paulus / Cásper Líbero, 2003.
- GADOTTI, Moacir. *Concepção Dialética da Educação*, 10ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- LIMA, Venício A. de. *Mídia: Teoria e Política*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (org.). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho: Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SUCUPIRA Filho, Eduardo. *Leituras Dialéticas: uma interpretação materialista do pensamento filosófico*. São Paulo: Alfa-Omega, 1987.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*, 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.